

## **O AMOR E A REJEIÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE ÁLVARES DE AZEVEDO**

Vitor Siqueira Macieira

Graduando em Letras Português – Francês pela Universidade Federal do Espírito Santo; Graduando em Psicologia pela Faculdade Multivix.

### **RESUMO**

O estudo que se pretende desenvolver neste ensaio visa contemplar, a partir da análise de trechos dos poemas *Sonhando* e *No túmulo do meu amigo João Baptista da Silva Pereira Júnior*, aspectos constituintes do fazer literário do autor Álvares de Azevedo, bem como elementos do chamado ultra-romantismo brasileiro. Tomou-se como referência teórica o artigo “Álvares de Azevedo, ou Ariel e Caliban”, de Antonio Candido; “Amor e medo”, de Mário de Andrade; e os livros *Introdução à literatura no Brasil* (1995), de Afrânio Coutinho e *História social de arte e da literatura* (1998), de Arnold Hauser.

### **INTRODUÇÃO**

Ao se propor uma pesquisa científica, leva-se em consideração sua validade acadêmica, tanto quanto sua pertinência social e cultural. Partindo dessa premissa, a reflexão que se pretende desenvolver neste artigo versa não só dos efeitos literários e artísticos que permeiam a produção de Álvares de Azevedo, como também suas ressonâncias na sociedade brasileira do século XVIII e XIX: seja pela herança cultural europeia, seja pelo modo de se fazer a poesia.

Isto posto, ao partir do movimento romântico e, especialmente, da sua segunda geração, nossa análise considerará, além de aspectos específicos da tessitura textual, o modo pelo qual o contexto – socio-histórico-cultural - de inserção e produção possivelmente atravessou obras e autores (as).

Ainda que atentaremos ao caso do escritor Álvares de Azevedo, soaria improdente não apontarmos como o modelo literário brasileiro de então refletia o *savoir faire* externo, especialmente europeu; bem como a maneira pela qual tal diálogo exerceu e, possivelmente, ainda o faz, presença na formação da cultura nacional no que tange à literatura. Desta forma, espera-se instigar a curiosidade pelo Romantismo, por Álvares de Azevedo, pela reflexão do enlaçamento, em época primeva, entre política, sociedade e literatura sob a égide da Revolução Francesa.

### **DESENVOLVIMENTO**

A fim de se alcançar um resultado profícuo na empreitada almejada pelo presente artigo, faz-se necessária uma breve contextualização histórica: o movimento romântico, do qual nosso autor fez parte, nascido e desenvolvido na Alemanha e na Inglaterra, acompanhou, ao lado da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, a ascensão da burguesia e a afirmação das Revoluções Liberais. Neste meio, as transformações sociais provocadas pelo declínio da nobreza acarretaram não só uma mudança de paradigma político, como também cultural. O movimento fora traduzido num estilo de vida e de arte que se opôs aos ideais neoclássicos e dominou a civilização ocidental entre a metade do século XVIII e a metade do século XIX.

No que se refere ao contexto nacional, o Romantismo relacionou-se com a configuração do processo político que culminaria na Independência, em 1822, e, ao mesmo tempo, com o processo cultural cujo eixo era a tentativa de estabelecer, a partir das artes, uma produção de caráter verdadeiramente nacional. Isto é, com características voltadas a um fazer literário marcado pela fauna, flora e, invariavelmente, a estrutura social do Brasil de então. Com isso, era esperado o afastamento de uma práxis artística voltada e pautada pelas influências externas, pouco atenta e contemplativa das ressonâncias do cenário brasileiro.

O estado de espírito reformista se estruturaria no imaginário social, especialmente e paradoxalmente burguês, por meio da refutação do intelectualismo, do absolutismo, do convencionalismo clássico e dos temas e formas dominantes até então. Abriu-se espaço para a imaginação e o sentimentalismo subjetivista, conquistando a esfera antes ocupada pela razão. Exalta-se a expressão do eu, o individualismo.

O estado de alma ou temperamento romântico é uma constante universal, oposta à atitude clássica, por meio das quais a humanidade exprime sua artística apreensão do real. Enquanto o temperamento clássico se caracterizava pelo primado da razão, do decoro, da contenção, o romântico é exaltado, entusiasta, colorido, emocional e apaixonado. Ao contrário do clássico, que é absolutista, o romântico é relativista, buscando satisfação na natureza, no regional, pitoresco, selvagem, e procurando, pela imaginação, escapar do mundo real para um passado remoto ou para lugares distantes ou fantasiosos. Seu impulso básico é a fé, sua norma a liberdade, suas fontes de inspiração: a alma, o inconsciente, a emoção, a paixão. O romântico é temperamental, exaltado, melancólico. Procura idealizar a realidade, e não reproduzi-la (COUTINHO, 1995, p. 143).

Enquanto um dos representantes do Romantismo, Álvares de Azevedo situa-se na segunda geração, denominada Mal do Século. Marcados pela necessidade de fugir da realidade, de evadir o mundo, os ultra-românticos ressignificaram a poesia da época ao lançarem mão do lado sentimental, da tensão dramática e da dualidade antitética: “o modo sentimental e intimista, colorido ou não pelo pessimismo mais ou menos satânico, é um tom geral [...]” (CANDIDO, 2010, p. 53).

Ainda segundo Candido (2013, p. 493): “[...] talvez por ter sido um caso de notável possibilidade artística sem a correspondente oportunidade ou capacidade de realização [...]”, nosso autor se enquadraria como um poeta passível de amor ou rejeição. Com produção (in)tensa e subjetiva, Azevedo se destacaria por seus “[...] nítidos traços de perversidade; o desejo de afirmar e submisso temor de menino amedrontado; rebeldia dos sentidos, que leva duma parte à extrema idealização da mulher e, de outra, à lubricidade que a degrada [...]” (CANDIDO, 2013, p. 493).

Encontrar-se-ia, com isso, em sua obra, uma reflexão tangenciando “o cansaço precoce de viver, o desejo anormal do fim [...]” (CANDIDO, 2013, p. 494):

A vida é noite: o sol tem véu de sangue:  
Tateia a sombra a geração descrida...  
Acorda-te, mortal! é no sepulcro  
Que a larva humana se desperta à vida!<sup>1</sup>

Neste poema, além do anunciado desejo pela morte, o eu lírico constrói, a partir das antíteses noite-sol, sombra-sol, sepulcro-vida e larva-mortal o dualismo, que ele denominava “binomia”, síntese do espírito individualista romântico, em que coexistem e se chocam os contrários, bem como se reformula a concepção do belo por meio da natureza das imagens (a vida, a morte). Além disso, nota-se, no segundo verso, a marca do descontentamento social (“Tateia a sombra a geração descrida...”) provocado pela desilusão com a Revolução Francesa e seus ideais de *liberté, égalité e fraternité*.

Enquanto atitude de inconformidade, a adesão ao byronismo, reforçada pelos versos pessimistas, angustiantes e, até mesmo, satânicos, influenciou significativamente o produto

---

<sup>1</sup>AZEVEDO, Álvares de. “No túmulo do meu amigo João Baptista da Silva Pereira Júnior”. In.: *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em:<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.

criativo dos representantes da segunda geração romântica. Manifestava-se, de acordo com Candido, por meio de declarações, citações, epígrafes, pastichos, temas, técnicas e, especialmente, da concepção de vida e o seu peso egocêntrico.

[...] Byron exterioriza e trivializa o problema espiritual do romantismo; faz da desintegração espiritual de seu tempo um modismo social. Através dele, o desassossego e o desnortheio românticos convertem-se numa praga, o “mal do século”; o sentimento de isolamento transforma-se num culto ressentido da solidão, a perda da fé nos antigos ideais redonda num individualismo anárquico e o tédio converte-se num flerte com a vida e a morte. Byron confere um encanto sedutor à maldição de sua geração e converte seus heróis em exibicionistas que expõem ostensivamente suas feridas, em masoquistas que publicamente se carregam de culpa e vergonha, flagelantes que se atormentam com auto-acusações e inquietações de consciência, e confessam suas boas e más ações com o mesmo orgulho intelectual de posse. (HAUSER, 1998, p. 712).

No ensejo provocado pela associação com “[...] herói byroniano [...] concebido de tal maneira que todo jovem desiludido [...] pudesse identificar-se com ele [...]” (HAUSER, 1998, p. 715) a mulher apareceria nos escritos azevedianos como inatingível, simbolicamente aproximada da impossibilidade de concretizar o amor em face da melancolia predominante.

O poema “Sonhando” convida o leitor à contemplação da idealização e fuga da mulher amada do eu poético. Se, por um lado, os versos iniciais apostam na doçura tenra da amada (“Que mimo! que rosa! que filha de Deus!”). Por outro, o desenrolar da tensão dramática reforçará a perda de espaço da fantasia para a realidade impossibilitadora da materialização amorosa (“Não corras na areia,/Não corras assim!”). A morosidade rítmica alternada com as súplicas pela permanência da amada culminou na pergunta marcada pela entristecida perda: “Donzela, onde vais?/Tem pena de mim!”.

Na praia deserta que a lua branqueia,  
 Que mimo! que rosa! que filha de Deus!  
 Tão pálida – ao vê-la meu ser devaneia,  
 Sufoco nos lábios os hálitos meus!  
 Não corras na areia,  
 Não corras assim!  
 Donzela, onde vais?

Tem pena de mim!<sup>2</sup>

Enquanto cenário de tantos episódios poéticos, a noite se configuraria como uma visão desesperada do amor (“Na praia deserta que a lua branqueia”) freqüentemente associada à morte: “a noite significa não apenas enquadramento natural, mas meio psicológico, tonalidade afetiva correspondente às disposições do poeta, à sua concepção da vida e do amor, aos movimentos turvos do *eu* profundo” (CANDIDO, 2013, p. 502).

Em sua obra de maturidade, a *Lira dos Vinte Anos* (1853), encontra-se uma organização em três partes: a) a primeira em que há a contemplação do amor puro - nunca encontrado - e a valorização da morte; b) a segunda com a representação menos irreal da mulher e do mundo, marcado pela ironia e o sarcasmo; c) e, por fim, a terceira e última etapa como extensão dos temas da primeira. Neste livro de poemas, em síntese, analisar-se-á os eixos fundamentais que nortearam toda a sua produção: a melancolia provocada pela desilusão e, por consequência, a nostalgia do passado; a experiência do erotismo difuso e obsessivo; o namoro com a imagem da morte; a postura egocêntrica como modo de fuga do *status quo*; e a disposição para o macabro.

## CONCLUSÃO

Entre amores e rejeições, Álvares de Azevedo e toda sua carga de complexidade impulsionaram a construção de uma figura “de maior relevo do nosso ultra-romantismo” (CANDIDO, 2013, p. 495), pois adentrou “[...] no âmago do espírito romântico [...]” (CANDIDO, 2013, p. 495) ao empregar e valorizar a discordância e o contraste, corporificando tendências sociais e culturais de uma geração.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. “Amor e medo”. In: \_\_\_. **Aspectos da literatura brasileira**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1974, p.199-229.

AQUINO, R. S. L. de [ et al]. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2010.

---

<sup>2</sup> AZEVEDO, Álvares de. “Sonhando”. In.: *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em:<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos Vinte Anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf> Acesso em: 29 set. 2016.

CANDIDO, A. “Álvares de Azevedo, ou Ariel e Caliban”. In: \_\_. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750 – 1880**. 14 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013, p. 493-508.

CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COUTINHO, A. **Introdução à Literatura no Brasil**. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. Trad. Álvaro Cabral. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.